



Dramaturgia  
Latino-Americana

# Os MANSOS





UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

Naomar Monteiro de Almeida Filho

Vice-Reitor

Francisco José Gomes Mesquita

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Flávia Goullart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Titulares

Ângelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Ninõ El-Hani

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Maria Vidal de Negreiros Camargo

José Teixeira Cavalcante Filho

Alberto Brum Novaes

Suplentes

Antônio Fernando Guerreiro de Freitas

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

Cleise Furtado Mendes





LUIS ALBERTO ALLONSO  
HÉCTOR BRIONES  
CACILDA POVOAS  
*(Organizadores)*

Dramaturgia  
Latino-Americana  
v.2

# Os MANSOS

de Alejandro Tantanian

EDUFBA  
Salvador-BA  
2010

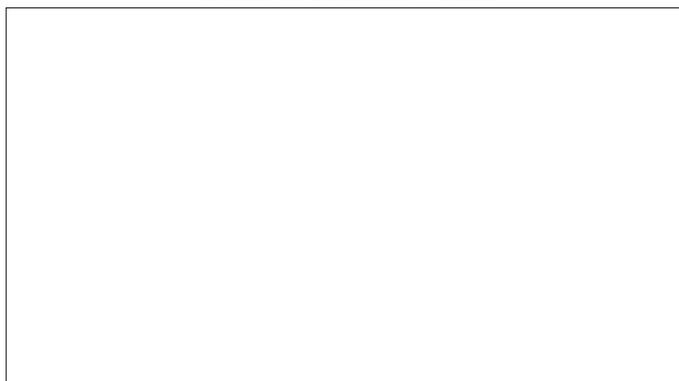


©2010 *by* Organizadores  
Direitos de edição cedidos à  
Editora da Universidade Federal da Bahia - EDUFBA  
Feito o depósito legal

Revisão de linguagem  
*Ana Lígia Leite e Aguiar*

Editoração eletrônica e capa  
*Rodrigo Oyarzábal Schlabitz*

Sistema de Bibliotecas - UFBA



EDUFBA  
Rua Barão de Jeremoabo, s/n - *Campus* de Ondina,  
40170-115 Salvador-BA  
Tel/fax: (71) 3283-6164  
[www.edufba.ufba.br](http://www.edufba.ufba.br)  
[edufba@ufba.br](mailto:edufba@ufba.br)



## A Coleção

Com a publicação de *Os Mansos*, de Alejandro Tantanian, o Festival Latino-Americano de Teatro da Bahia em parceria com o Teatro Vila Velha e a EDUFBA lançam o segundo volume da coleção *Dramaturgia Latino-Americana*. Esta coleção vem preencher uma lacuna nas publicações de textos dramáticos no Brasil, onde a difusão da dramaturgia latino-americana contemporânea, principalmente dos anos 90 em diante, tem sido escassa. Neste sentido, a coleção adquire uma importância fundamental por dar a conhecer outros formatos dramáticos, os quais operam temas e experimentações formais que têm dado aos seus autores um reconhecimento internacional.

Os textos escolhidos para essa coleção são frutos das vivências pessoais e sociais de seus dramaturgos, em que o contexto globalizado e os seus efeitos culturais e políticos se deixam ver em tais trabalhos. São textos que deixam intencionalmente lacunas ou aberturas que pedem um diálogo íntimo com o leitor. Assim, trata-se de uma dramaturgia cujos autores se sabem artífices cênicos, sendo seus textos provocações que estimulam o jogo da cena na interação de seus diversos elementos, luz, som, espaço, corpo, entre outros. É justamente esse tipo de dramaturgia que esta coleção se propõe a divulgar e o texto *Os Mansos* constitui um excelente exemplo.

A coleção *Dramaturgia Latino-Americana* configura uma significativa possibilidade de aproximação da dramaturgia contemporânea de nosso continente, tanto para estudantes de literatura e de artes cênicas, como para outras áreas de estudo, da Bahia e do Brasil. Do mesmo modo, a coleção poderá ser um material valioso para artistas teatrais que queiram desenvolver sua prática cênica montando espe-



táculos a partir destes textos, cujas vertentes dramáticas são atuais e, ao mesmo tempo, desconhecidas nessas terras. Por esse motivo optamos pelo formato de uma peça em cada exemplar, tornando o volume mais fácil de manusear na sala de ensaio, assim como optamos por uma edição bilíngue – português-espanhol – para que os leitores tenham acesso ao texto em sua língua nativa. Isso dá à coleção uma abrangência internacional, podendo ser de interesse também para investigadores, estudantes e artistas de qualquer localidade latino-americana.

### O Segundo Volume

Para o segundo volume da coleção *Dramaturgia Latino-Americana* escolhemos o texto *Os Mansos*, do autor Alejandro Tantanian, um dos principais expoentes da nova dramaturgia argentina. *Os Mansos*, cujo subtítulo é ‘sobre motivos de *O Idiota* de Fiódor Dostoiévski’, consiste em uma livre adaptação e transcrição desse romance do autor russo. No texto se misturam dados autobiográficos de Tantanian, de descendência russa, como dados da vida do mesmo Dostoiévski e também das vidas ficcionais dos personagens de *O Idiota*. Mas Tantanian não pretende uma narração linear do referido romance, como ele mesmo comenta: “Mais do que narrar me interessou criar um estado emocional parecido com o qual me provocou Dostoiévski: um lugar melancólico, de perda, mas também vital, vinculado às minhas lembranças de infância, aos relatos de minha mãe sobre sua partida da Rússia”.<sup>1</sup> Assim, *Os Mansos* se configura como um tecido de histórias fragmentadas, de lembranças que falam de teatro, de paixões, de amizades e crenças em impossíveis sonhos em um mundo



de violência, no qual os personagens lutam para se manter mansos.

*Salvador, 10 de fevereiro de 2010.*

*Cacilda Povoas, Héctor Briones e Luis Alberto Allonso*

*Os organizadores*

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://losmansos.blogspot.com/search?updatedmin=20050101T00%3A00%3A00%3A00&updated-max=2006-01-01T00%3A00%3A00-03%3A00&max-results=50>







# Os Mansos

SOBRE MOTIVOS DE O IDIOTA DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

de Alejandro Tantanian

Tradução: Héctor Briones  
com a colaboração de Cacilda Povoas e Celso Junior

## Personagens

Nastácia Filipovna Barashkov  
Parfion Semionovitch Rogojín, pretendente de Nastácia Filipovna  
Lev Nikolaievitch Míchkin, príncipe





*Os Mansos* estreou no dia 7 de agosto de 2005, na sala *El camarín de las Musas*, na cidade de Buenos Aires, com o seguinte elenco:

**Nastácia Filipovna Barashkov:** Stella Galazzi<sup>1</sup>

**Parfion Semionovitch Rogojín,** pretendente de Nastácia Filipovna: Luciano Suardi<sup>2</sup>

**Lev Nikolaievitch Míchkin,** príncipe: Nahuel Pérez Biscayart

*Assessor de imprensa:* Simkin & Franco

*Desenho gráfico:* Gonzalo Martinez

*Fotografia:* Ernesto Donegana

*Assistência de produção e direção:* Martín Tufró

*Iluminação:* Jorge Pastorino

*Cenografia e figurino:* Oria Puppo

*Texto, trilha sonora e direção:* Alejandro Tantanian

*Os Mansos* contou com o apoio da *Siemens Arts Program*, Alemanha.

*Os Mansos* foi merecedor dos seguintes prêmios e indicações:

Indicações ao *Premio Teatro del Mundo 2005*: Melhor Autor (Alejandro Tantanian), Melhor Cenografia (Oria Puppo),

<sup>1</sup> Papel realizado também por María Inés Sancerni e depois por Mirta Bogdasarian.

<sup>2</sup> Papel realizado também por Ciro Zorzoli.



Melhor Iluminação (Jorge Pastorino), Melhor Ator (Nahuel Pérez Biscayart), Melhor Atriz (Stella Galazzi), Melhor Designer Gráfico (Gonzalo Martinez), Melhor Fotografia Teatral (Ernesto Donegana).

Ganhador do *Premio Trinidad Guevara 2005* (outorgado pelo Ministério da Cultura do Governo da cidade de Buenos Aires) à Melhor Atriz protagonista (Stella Galazzi).

Indicações ao *Premio Trinidad Guevara 2005*, nas seguintes categorias: Melhor Iluminação (Jorge Pastorino), Melhor Cenografia (Oria Puppo) e Revelação Masculina (Nahuel Pérez Biscayart).

Ganhador do *Premio María Guerrero 2005* – Prêmio estímulo para Nahuel Pérez Biscayart.



## Ars Poética

Escrever uma obra de teatro a partir do eu pressupõe um trabalho impossível. Como se as falas de cada um destes personagens fossem prolongações conscientes do meu próprio pensar e agir. Eu escrevo agora como fazia Fiódor Dostoiévski: colocando a própria vida como romance. O narrador onisciente é um invento perverso, para não dizer ele próprio. O teatro é um espaço de evasão para não se enfrentar a si mesmo ao escrever. Eu sou agora assim, sempre eu e a partir do eu anulo a ficção e a crio desta maneira: vampirizando a experiência do romance *O Idiota* e me permitindo o desvio e a traição.

“Será talvez uma biografia cheia de histórias inverossímeis onde confluirão verdade e mentira, realidade e irrealidade, absurdo e solenidade, onde estarão confundidos os tempos em ritmos cíclicos e eternos.”

*Mario Bellatín*

“O passado é um país sempre estrangeiro. Ali fazem as coisas de maneira sempre diferente.”

*L. P. Hartley*



*(O espaço é largo e alto.  
O espaço é horizontal.  
No centro, uma piscina retangular: é o espaço da ação.  
Em uma das paredes da piscina entrevemos uma reprodução descascada e úmida do Cristo Morto de Hans Holbein.  
A partir do teto se filtra uma luz poeirenta.  
Sobre uma das paredes permanecem restos de uma antiga moradia: azulejos, cimento, molduras.  
São três os personagens que abordam o relato.  
Três os modos raivosos de dizer o mesmo: EU.  
E três os estados da alma.  
As coisas marcham no sentido do tempo.  
Mas nesta representação o tempo é ditado por um idiota.)*

## Prólogo

*(Os três atores olhando o público.  
Contam o seguinte.)*

ATOR / ROGOJÍN

Perto do Palácio Pitti, em Florença, existe uma casa e na porta dessa casa há uma placa, nessa placa está escrito o se-

guinte: “Neste solar, entre agosto de 1868 e agosto de 1869, Fiódor Mikhailovich Dostoiévski terminou de escrever seu romance O Idiota.” Gosto de pensar no mais russo dos escritores, escrevendo a mais russa das novelas, em uma cidade tão longe da Rússia como Florença.

*(Pausa.  
Olha para a atriz.)*

E você... onde nasceu?

*(Segue aqui uma sintética recordação da infância, junto ao nome do lugar do mundo que os viu nascer. Os três contam, os três dizem. Logo, encenam o que segue.)*

## Cena 1 UM INFERNO

*(A bofetada ressoa sobre o clarão da luz.  
Rogojín espanca com violência Nastácia Filipovna.  
Golpes na cara.  
Ele a arrasta puxando-a pelos cabelos.  
Aperta-a contra o chão e a chuta.  
Nastácia tenta afogar os gritos.  
São sons surdos,  
Rogojín quase não faz som.  
A violência parece seguir o seu curso até o limite do possível.  
Como um ciclo – como um violento ataque de epilepsia –  
chega à calma ou à tensão silenciosa que pulsa entre dois ataques.*

*Medem-se: observam-se fixamente nos olhos.)*

*(O rosto de Rogojín se ensombrece.  
E outra vez o demônio se manifesta no seu olhar.  
Nastácia é contagiada, sabe se contagiar por este demônio.)*

*(Quando tudo é sombra, Rogojín diz.)*

ROGOJÍN

Não vou dormir. Não vou comer. E não vou sair até você me perdoar. E se você me botar para fora, eu me atiro no rio.

NASTÁCIA

Você cheira a velho.

*(Pausa.)*

Vou embora.

ROGOJÍN

A que horas é o espetáculo?

NASTÁCIA

Às nove.

ROGOJÍN

E você vai?

NASTÁCIA

Você acha o quê?



ROGOJÍN  
Isso importa?

NASTÁCIA  
Importa, sim.

*(Pausa.)*

ROGOJÍN  
Não me deixe só. Eu não gosto de ficar só. Eu não passo bem.

NASTÁCIA  
Eu sei.

*(Pausa.)*

Tem chá quente. Feito há pouco.

*(Nastácia começa a sair.)*

ROGOJÍN  
Não vá embora.

*(Pausa.)*

Você vai com Lebedev?

NASTÁCIA  
Ele gosta de teatro.

ROGOJÍN  
Ele vai só?



NASTÁCIA

Vai comigo.

*(Pausa.)*

ROGOJÍN

Lebedev...?

NASTÁCIA

O quê?

ROGOJÍN

Ele te dá dinheiro também?

*(Pausa.)*

NASTÁCIA

O que aconteceria se você descobrisse que eu engano você?

ROGOJÍN

Você sabe muito bem.

NASTÁCIA

O que é que eu sei?

*(Pausa.)*

ROGOJÍN

Você vai se casar comigo, não?

*(Nastácia sai.)*

*Vai ao teatro.*

*Rogojín fica ali. Senta-se. Espera.*

*Passa o tempo.*

*Chegando ao teatro, ela fala com Lebedev, primeiro ato, intervalo, segundo ato, intervalo e champagne, terceiro ato.*

*Saída do teatro.*

*Lebedev e Nastácia passam a noite juntos.*

*Na manhã seguinte Lebedev a acompanha até a porta da casa.*

*Todo cavalheiro.*

*Lebedev a beija na porta da casa, lhe toca o sexo por debaixo da saia, ela o beija com toda a boca e logo engole o sexo de Lebedev na porta da casa.*

*Os que passam, olham.*

*Do outro lado da porta, Rogojín espera.*

*Quando Lebedev acaba, Nastácia cospe sobre a neve e limpa a boca com o*

*canto da mão esquerda.*

*Ela se levanta, se despede e entra na casa.)*

NASTÁCIA

Tomou o chá?

ROGOJÍN

Não. E não vou tomar.

NASTÁCIA

O que é? Uma questão de honra?

*(Pausa.)*

Imbecil. Você vai morrer de fome...

ROGOJÍN

Me perdoe.



NASTÁCIA

Não quero. E não vou me casar com você.

*(Pausa.)*

Esteve a noite toda aí sentado, sem dormir?

ROGOJÍN

Não, não dormi.

NASTÁCIA

Mas que inteligente você... Vai tomar café da manhã?

ROGOJÍN

Já disse que não.

*(Pausa.)*

Me perdoe.

NASTÁCIA

Desista desse personagem. Está querendo me assustar? Pouco me importa que você fique aí sentado sem comer.

*(Pausa.)*

Está pensando em quê?

ROGOJÍN

Que você vai se levantar e eu vou olhar você e seguir você com meus olhos, vou escutar o tecido de sua saia, meu coração vai querer parar, você vai sair do quarto e eu vou me lembrar de cada uma das palavras que você disse e do tom da sua voz ao dizer essas palavras...



NASTÁCIA

E você não pensou em como me bateu?

ROGOJÍN

Não sei... talvez tenha pensado nisso. Não me lembro.

NASTÁCIA

E se não lhe perdoe e nem me caso com você?

ROGOJÍN

Já te disse: me joga no rio.

NASTÁCIA

Talvez você me mate antes.

*(Pausa.)*

Vou me casar com você. E não por que tenha medo de você.  
Vou ser uma esposa fiel. Não duvide. E não se preocupe mais.

*(Beija-o nos lábios.*

*Assim.)*

## *Cena 2*

O IDIOTA

*(Míchkin – que foi testemunha ou narrador da cena –  
fala, agora, ao público.)*

## MÍCHKIN

Eles são Rogojín e Nastácia. E eu sou o idiota. Me chamam assim. E não é por isso, ou por isso. Não. É porque posso ver. E porque digo a verdade. Viajo faz muito tempo. Viajo buscando a minha casa: minha casa quando eu era pequeno. Sou eu quem conta esta história. Assim. Como eu quero. Como eu sei contar. Como me vem. Espero que saibam perdoar a falta de cuidado. A nós idiotas se perdoa quase tudo.

*(Tira um livro de suas roupas. É um exemplar de O IDIOTA de Dostoiévski.*

*Folheia o livro.*

*Caminha para o início do romance: caminha para o trem.*

*Lê em voz alta algumas das primeiras frases.)*

Em torno das nove horas da manhã, em fins de novembro, durante um degelo, o trem procedente de Varsóvia se aproximava de Petersburgo a todo vapor. (...) Na janela de um dos vagões de terceira classe, dois passageiros se encontravam frente a frente desde o amanhecer: os dois viajavam com pouquíssima bagagem, os dois vestidos sem elegância, os dois eram bonitos de rosto e os dois, por último, desejavam começar a conversar. Se os dois soubessem tudo o que de extraordinário havia neles nesse instante, estariam maravilhados, sem dúvida, de como o acaso os tinha colocado frente a frente, e de modo tão estranho, em um vagão de terceira classe do trem de Varsóvia.

*(Fecha o livro.)*

*(É Míchkin, agora, um tempo atrás.)*

*Cena 3*

A VIAGEM NO TREM

*(Em um vagão de trem vemos Rogojín e Míchkin.  
Nastácia se encontra fora do vagão.  
Um pouco afastada dali.  
Ela os espera.  
Não se tem como saber como.)*

ROGOJÍN

O senhor está com frio?

MÍCHKIN

Muito. E isso é apenas um degelo. Como seria se fosse pleno inverno? Nunca pensei que iria fazer tanto frio em nosso país. Eu perdi o costume.

ROGOJÍN

O quê? O senhor vem do estrangeiro?

MÍCHKIN

Sim.

ROGOJÍN

Ah.

*(Silêncio longo.)*

MÍCHKIN

Estive fora muito tempo. Por motivos de saúde. Sou epilético.

ROGOJÍN  
E o curaram?

MÍCHKIN *(Sorri)*  
Não. Não. Que nada.

ROGOJÍN  
Tiraram todo o seu dinheiro. Não? Os estrangeiros são assim... Se aproveitam de nós. Nos fazem de bobo.

*(Novo silêncio longo.  
Míchkin pega uma foto entre suas roupas.)*

MÍCHKIN  
O senhor a conhece?

ROGOJÍN  
De onde você tirou essa foto?

MÍCHKIN  
Encontrei jogada no banheiro. Aqui, no trem. Está manchada. Conhece?

ROGOJÍN  
Sim, conheço. Por que está me devolvendo a foto?

MÍCHKIN  
Só estou mostrando. Não estou devolvendo. Eu te mostro. Tem um rosto incrível. Estou certo de que o destino desta mulher não é comum. Ela tem a cara alegre, mas ainda assim,

sofreu muito. Não? Seus olhos dizem, e as maçãs do rosto, e esses dois pontinhos aqui embaixo, onde começam as bochechas. É uma cara orgulhosa, terrivelmente orgulhosa, mas não poderia chegar a dizer se é ou não uma boa pessoa. Se fosse boa, isso salvaria tudo!

*(Pausa.)*

Estava amassada. A foto. Uma bola flutuando no vaso sanitário. Não se joga fora fotos, dizem. É como quando se vela um morto. Recomenda-se cobrir os espelhos. Para que o morto não fique.

ROGOJÍN

Do que o senhor está falando?

MÍCHKIN

Os mortos ficam dentro dos espelhos. A alma fica ali: nos espelhos. Por isso se recomenda cobri-los com véus pretos, para que os mortos não os vejam e não fiquem presos dentro deles. O mesmo acontece com as fotos.

ROGOJÍN

Me perdi.

MÍCHKIN

As fotos. É o mesmo. Isso. Não é bom jogar fotos assim, como não é bom velar um morto sem tampar os espelhos.

ROGOJÍN

Eu não joguei fora.

MÍCHKIN

Não, não, claro. Eu não disse isso. Não disse que o senhor jogou. Mas como a encontrei jogada. É por isso que eu estou falando. Não digo que o senhor tenha jogado fora. Digo que não é bom jogar fora as fotos. Por isso. Porque a encontrei jogada. Amassada feito uma bola. Isso.

ROGOJÍN

Para onde você está indo?

MÍCHKIN (*Apontando para a foto*)

Eu vou buscá-la.

*(Dissolução.)*

#### *Cena 4*

#### UMA CONVERSAÇÃO

MÍCHKIN

Eles fazem assim.

*(Come como um rato. Nastácia ri.)*

Tinha vários. Muitos. Um amigo me ensinou a olhá-los comer.

NASTÁCIA

Te ensinou a olhar?



MÍCHKIN

Sim.

NASTÁCIA

E como se faz isso?

MÍCHKIN

O quê?

NASTÁCIA

Ensinar a olhar... como se faz?

MÍCHKIN

Não sei. Este amigo, como eu te disse, ele fazia. Ensinava. E tanto me ensinou que eu consegui fazer. E faço. Por isso.

NASTÁCIA

E têm nome?

MÍCHKIN

Não. Bom, sim: ratinhos.

NASTÁCIA

Claro. Ratinhos.

MÍCHKIN

Eles já sabem que sou eu. Ninguém chama os ratinhos.



NASTÁCIA  
E onde estão?

MÍCHKIN  
Na casa.

NASTÁCIA  
Em que casa?

MÍCHKIN  
Na que eu perdi. Na que estou procurando.

NASTÁCIA  
E não vão morrer de fome?

MÍCHKIN  
Não.

NASTÁCIA  
E sente saudade deles?

MÍCHKIN  
Não. Não, não, não... nada.

*(Pausa.)*

Você é linda. Muito, muito linda.

*(E como se as palavras fossem insuficientes, é uma canção que se escuta agora: uma canção que lhes permite dizer o que as palavras não podem dizer.)*

*Cantam a canção, a imitam.  
E até se atrevem a dançá-la.  
É SO IN LOVE, de Cole Porter.)*

NASTÁCIA

Strange dear, but true dear,  
when I'm close to you, dear,  
the stars fill the sky,  
so in love with you am I.

MÍCHKIN

Even without you,  
my arms fold about you,  
you know, darling, why  
so in love with you am I.

NASTÁCIA

In love with the night mysterious,  
the night when you first were there.

MÍCHKIN

In love with my joy delirious,

NASTÁCIA & MÍCHKIN

when I knew that you could care.

MÍCHKIN

So taunt me,



NASTÁCIA  
and hurt me.

MÍCHKIN  
Deceive me,

NASTÁCIA  
desert me.

NASTÁCIA & MÍCHKIN  
I'm yours, till I die...  
So in love... so in love...  
So in love with you, my love... am I...  
In love with the night mysterious,  
the night when you first were there.  
In love with my joy delirious,  
when I knew that you could care.  
So taunt me and hurt me,  
deceive me, desert me,  
I'm yours, till I die...

MÍCHKIN  
So in love...

NASTÁCIA  
So in love...

MÍCHKIN  
So in love...





NASTÁCIA  
So in love...

MÍCHKIN  
So in love...

NASTÁCIA & MÍCHKIN  
with you, my love, am I...

*(Agora voltam a ser de novo palavras.)*

MÍCHKIN  
Você é linda.

NASTÁCIA  
Não diga isso.

MÍCHKIN  
Por quê?

NASTÁCIA  
Porque não.

MÍCHKIN  
É o que vejo. E eu sei olhar.

NASTÁCIA  
Às vezes alguém crê ver algo que não é real.



MÍCHKIN

Não.

NASTÁCIA

Eu creio que sim.

MÍCHKIN

Muito linda. Posso tocá-la?

NASTÁCIA

Já disse que não.

MÍCHKIN

Não. Não disse que não. Você não disse não a isso. É a primeira vez que lhe peço isso.

NASTÁCIA

Não. Não pode me tocar.

MÍCHKIN (*Pega a foto que encontrou no trem*)

Quando tirou esta foto?

NASTÁCIA

Onde você pegou isso?

MÍCHKIN

No trem. No banheiro do trem. Encontrei jogada no banheiro do trem.



NASTÁCIA

Faz muito tempo.

MÍCHKIN

Não parece.

NASTÁCIA

Antes de conhecer Rogojín, isso foi antes. Muito antes.

MÍCHKIN

Eu conheci Rogojin no trem.

NASTÁCIA

Eu sei. Ele me contou.

MÍCHKIN

Esta foto era dele?

NASTÁCIA (*Duvida antes de responder*)

Não sei. Não acredito. Por quê?

MÍCHKIN

Quando eu mostrei a ele no trem, me pareceu que ele já conhecia a foto.

NASTÁCIA

Ele conhece a mim.





MÍCHKIN

Claro.

NASTÁCIA

Por isso.

MÍCHKIN

Claro.

NASTÁCIA

E para que você veio? Digo... para que você veio de trem até aqui?

MÍCHKIN

Eu estou procurando minha casa.

NASTÁCIA

Ah.

MÍCHKIN

E a senhorita.

NASTÁCIA

O quê?

MÍCHKIN

Não quer vir comigo? A senhorita pode vir comigo.



— | | — | | —

NASTÁCIA (*Seu rosto se ilumina e logo cai em uma intensa treva*)

Posso, sim.

*(Pausa.)*

Mas não quero.

MÍCHKIN

E por quê?

NASTÁCIA

Não sei... não me parece...

MÍCHKIN

Não lhe parece? Não entendo. (*Fica olhando para ela fixamente. Um longo tempo.*)

NASTÁCIA

Não há nada que entender.

*(Dissolução.)*

## *Cena 5*

### OUTRA CONVERSAÇÃO

MÍCHKIN

Ela crê que a foto não pertence ao senhor. Que o senhor não a jogou fora.



ROGOJÍN  
Ela crê nisso?

MÍCHKIN  
Ela crê nisso.

ROGOJÍN  
E você acredita em quê?

MÍCHKIN  
Estávamos nos tratando por “você”?

ROGOJÍN  
Você a mim, não.

MÍCHKIN  
Eu creio que o senhor também não me tratava por “você”.

ROGOJÍN  
Você a encontrou rápido.

MÍCHKIN  
Eu segui o senhor. Sabia que iria vê-la tão logo chegasse à cidade. Sabia que iria buscá-la para algo. Por isso jogou a foto. Aquela tarde, quando descemos do trem, eu segui o senhor. Assim descobri a sua casa e a dela. Eu sabia que o senhor iria vê-la tão logo descesse do trem. Soube disso porque jogou a foto fora.





ROGOJÍN

Entendo.

MÍCHKIN

Entende?

ROGOJÍN

Sim. Entendo você.

*(Se abraçam.*

*Tempo.*

*Logo, se distanciam.*

*Michkin se perde nos olhos de Rogojín.)*

ROGOJÍN

Por que me olha assim?

MÍCHKIN

O senhor sabia que eu viria?

ROGOJÍN

Sim.

MÍCHKIN

Está zangado?

ROGOJÍN

Por que me pergunta isso?



MÍCHKIN

Hoje, antes de chegar à sua casa, vi uns olhos exatamente iguais a esses com os quais o senhor me olhou há pouco.

ROGOJÍN

Mas não era eu.

MÍCHKIN

Não sei. Eu os vi. Começo a imaginar coisas. E não gosto. Sinto algo dentro da boca. Como um sabor de amêndoa ou algo parecido. E me lembro das paredes da minha casa. Sobretudo de uma das paredes da casa. Havia um quadro nela: um Cristo. Um Cristo morto.

*(A Atriz / Nastácia interrompe a cena.)*

ATRIZ / NASTÁCIA

Anna Grigorievna, a esposa de Fiódor Dostoiévski, escreve em seu diário: “Em Basileia visitamos o museu onde se encontrava um quadro de Hans Holbein que meu marido queria ver: a tela mostrava Cristo depois do seu martírio inumano, já despregado da cruz e em estado de decomposição. A visão desse rosto inchado, cheio de feridas sangrentas, era terrível. O quadro impressionou muito Fiódor. Eu não pude resistir muito tempo, por isso passei a outra sala. Quando voltei, depois de vinte minutos, encontrei meu marido ainda em frente ao quadro. Em seu rosto notei a mesma expressão que já tinha visto mais de uma vez quando se aproximavam os ataques de epilepsia. O agarrei pelo braço, o afastei dessa sala e o sentei em um banco esperando a qualquer momento o ataque, que por sorte nunca chegou.”

Um mês mais tarde, seu marido, Fiódor Dostoiévski, ainda sob a influência daquele quadro, começa a escrever O IDIOTA.



ATOR / ROGOJÍN

O quadro mede vinte centímetros de altura por dois metros de largura.

ATOR / MÍCHKIN

O quadro, deste modo, carece de verticalidade.

ATOR / ROGOJÍN

Sim. Se poderia dizer que se percorre o quadro da esquerda para a direita. Que o olhar atravessa horizontalmente o quadro. Há um corpo. Só um corpo representado. Jaz de boca para cima sobre uma laje coberta com um lençol branco. Podemos contar as dobras do lençol se quisermos.

ATOR / MÍCHKIN

O corpo traz os signos evidentes da dor e da morte.

ATOR / ROGOJÍN

Tem os olhos abertos, a boca aberta e uma barba curta e pontiaguda (como a que Dostoiévski oferece a Míchkin no seu romance).

ATOR / MÍCHKIN

Seu cabelo está virado para trás. Suas sobrancelhas são grossas. Negras. Como o cabelo.

ATOR / ROGOJÍN

Vemos sua mão direita agarrada ao lençol. As pernas sobre a laje. Os pés ligeiramente separados. Os dedos dos pés longos, cheios de terra, sujos de sangue.



ATOR / MÍCHKIN

Na sua mão direita, a que vemos, podemos ver também indícios de sangue. Uma ferida. Os restos da crucificação.

ATOR / ROGOJÍN

Seu pé direito mostra a outra ferida: a dos pés. Holbein tampouco esqueceu a cicatriz aberta na região torácica, abaixo das costelas marcadas e quietas, a ferida da lança. A lança de Longino.

ATRIZ / NASTÁCIA (*Do lugar onde está, comenta*)

Diz João no seu Evangelho: “... chegando, porém, a Jesus, como o vissem já morto, não lhe quebraram as pernas, mas um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança e, imediatamente, saiu sangue e água. O que foi testemunha deste fato o atesta (e o seu testemunho é digno de fé, e ele sabe que diz a verdade), a fim de que vós creiais. Assim se cumpriu a escritura: nenhum dos seus ossos será quebrado.”<sup>3</sup>

*(Pausa longa.)*

*(Eles voltam a ser personagens, como se tal coisa existisse.)*

ROGOJÍN

É o cadáver de um homem que sofreu torturas infinitas antes de ser crucificado; é o cadáver de um homem que foi martirizado pelos guardas e martirizado pela multidão quando estava carregando a cruz; o cadáver de um homem que – sob o peso dessa mesma cruz – caiu na terra e sofreu o suplício da cruz por seis horas; é o cadáver de um homem que foi recém baixado da cruz: ainda conserva muita vida, muito calor; por isso na sua cara transparece o sofrimento, como se ainda pudesse senti-lo...

MÍCHKIN

Quando olhamos este cadáver atormentado e pensamos que foi visto assim por seus discípulos, que foi visto assim pelas mulheres que o seguiam e que estavam ao pé da cruz; que foi visto assim por todos os que nele acreditavam e adoravam...

ROGOJÍN

... como puderam crer, vendo esse cadáver, que ele ia ressuscitar? A morte é uma fera enorme e muda que capturou, destroçou e engoliu aquele Ser enorme e inapreciável. E todos os que viram aquele corpo tiveram que sentir pena e um desalento cruel naquela noite ao verem defraudadas, de uma vez e para sempre, todas as suas ilusões e quase toda sua fé.

*(Pausa.)*

Devem ter se separado com um medo espantoso.

*(Pausa.)*

E se o próprio Cristo tivesse podido ver a sua imagem na própria véspera do suplício não teria subido na cruz.

*(Um profundo silêncio.  
Enorme.)*

Frente a este quadro não se tem outro caminho senão perder a fé.

*(O tempo parece querer tomar a forma do Cristo Morto.  
Silêncio longo.  
Dissolução.)*

*Cena 6*  
O ABRAÇO DO PÓ

*(Rogojín e Míchkin se confundem em um abraço.  
Algo os rodeia: formam um só corpo.  
Assim.)*

*Cena 7*  
ALGUMAS LEMBRANÇAS

*(A três vozes debulham lembranças.  
Pessoais, próprias, alheias, inventadas, nossas, de outros.  
O momento da biografia.  
São os atores. Ou são os personagens.)*

ATRIZ / NASTÁCIA

Minha avó amaldiçoou uma vizinha que lhe negou uma vez o pão. A vizinha foi assassinada na sua própria casa com um golpe de machado na cabeça.

ACTOR / ROGOJÍN

Minha avó sempre desmaiava na rua. Se agarrava a um poste de luz e se deixava cair lentamente no chão. Muitos anos depois, se descobriu que aqueles desmaios eram a manifestação de uma epilepsia silenciosa.



ACTOR / MÍCHKIN

Quando saíram da Rússia levaram almofadas repletas de jóias.

ACTRIZ / NASTÁCIA

Minha mãe conservava uma foto do meu avô com ela. Quando meu avô foi preso em um campo de concentração, minha mãe, na sua casa, colocava a foto na janela para que pudesse tomar ar.

ACTOR / ROGOJÍN

Meus avós e minha mãe saíram da Rússia procurando um primo de minha mãe que tinha desertado do *front*. Chamava-se Levon. Levon deixou a Rússia e veio para a América e chegaram até aqui, meus avós e minha mãe, procurando por ele.

ACTOR / MÍCHKIN

Aliosha era o nome do filho de uma amiga de minha avó. Ele era maior que eu. E existem fotos onde dá para ver que a gente se gostava. Ele morreu quando eu era muito pequeno.

ACTOR / ROGOJÍN

Meu avô enchia os bolsos do seu paletó de caramelos.

ACTRIZ / NASTÁCIA

Minha avó fazia para mim um caminho com pedacinhos de pão preto com manteiga e com um pedacinho de azeitona preta. Eram formigas que se comiam.

ACTOR / ROGOJÍN

Sua avó coçava as suas costas.



ACTOR / MÍCHKIN

E seu avô jogava paciência na mesa redonda da cozinha.

ACTOR / ROGOJÍN

Minha avó um dia decidiu não se levantar mais da cama. E ficou deitada durante oito anos antes de morrer.

ACTOR / MÍCHKIN

Sua avó sempre pintava as unhas de vermelho e as mãos dela estavam cheias de anéis. Mas nada extravagante. Sua avó era uma mulher elegante.

ACTRIZ / NASTÁCIA

Meu avô me comprou o meu primeiro livro de teatro na livraria Martín Fierro a dois quarteirões do seu negócio: *Romeo e Julieta*, de William Shakespeare. Eu que escolhi.

ACTOR / MÍCHKIN

Eu tomava sorvete na sorveteria Venecia com minha avó. Eu gostava do sorvete de cerejas ao marrasquino. Era também o sabor favorito de minha avó.

ACTOR / ROGOJÍN

Minha avó se chamava Soja, mas a chamavam de Sofía. Meu avô se chamava Artaches, que é a tradução armênia de Artur. Minha avó o chamava Artiusha.

ACTOR / MÍCHKIN

Meu avô faleceu quando eu estava em Mar del Plata trabalhando em teatro. Eu tinha 16 anos. E já trabalhava em teatro.

ACTOR / ROGOJÍN

Minha avó faleceu quando eu tinha 36 anos. Durante quase 12 anos eu só a vi 4 ou 5 vezes. Foram seus últimos 12 anos.

ACTRIZ / NASTÁCIA

Levon lia para mim na biblioteca de sua casa fragmentos dos romances de Dostoiévski.

ACTOR / ROGOJÍN

Levon se casa com Maria e têm dois filhos: Kriko e Silvi. Maria morre de uma doença renal. Levon dá um tiro na cabeça com uma escopeta na biblioteca de sua casa vários anos antes de Maria morrer.

ACTRIZ / NASTÁCIA

Durante a segunda guerra mundial, minha avó pendurava duas cerejas unidas pelo cabo nas orelhas de minha mãe para acordá-la.

ACTOR / MÍCHKIN

Minha mãe foi feliz em Stuttgart. Ela andava de trenó.

*(Pausa longa.)*

ACTOR / ROGOJÍN

Minha mãe contava que na Rússia, durante a guerra, diziam que para salvar o mundo era preciso cruzar o rio com uma vela acesa, de margem a margem.

*(Dissolução.)*

**Cena 8**  
**O ANIVERSÁRIO DO IDIOTA**

MÍCHKIN

Hoje é meu aniversário.

*(Festa.  
A celebração é real.  
Põem música.  
Dançam entre eles.  
Trazem a torta para o idiota.  
Cantam o parabéns.  
O idiota apaga as velas, mas antes faz seus pedidos em voz  
alta.)*

Encontrar minha casa.

Beijar Nastácia.

Convencer Rogojín.

*(Rogojín e Nastácia dão presentes a Míchkin.  
Nastácia lhe dá um livro: MADAME BOVARY, de Gustave  
Flaubert,  
Rogojín dá seu presente a Míchkin.  
Pede-lhe que não abra.*

*Brincam de algum jogo.  
Talvez BATATINHA FRITA 1, 2, 3:  
Nastácia na parede.  
Rogojín e Míchkin avançam.  
Os dois “dançam” durante a caminhada.*

*Ao ritmo de uma lied, de Schubert, talvez DER ZWERG / O ANÃO.  
Ganha Michkin.  
Nastácia e Michkin falam quase em segredo.  
Rogojín olha para eles falando.  
Sofre um ataque repentino de violência.  
Arremessa uma cadeira contra uma das paredes.)*

ROGOJÍN

O que está acontecendo?

MÍCHKIN

Eu lhe propus irmos juntos. Procurar minha casa.

ROGOJÍN

E?

MÍCHKIN

Nada. Isso.

ROGOJÍN

E o que ela disse?

MÍCHKIN

Perguntou aonde. Ainda não disse se aceitava minha proposta. Justo quando ela ia responder você nos interrompeu.

ROGOJÍN

Interrompi?

MÍCHKIN

Sim. Estávamos falando aqui, colados na parede. Nós dois. Claro que estávamos tendo uma conversa privada.

ROGOJÍN

Claro. Mas o que você supõe que devo fazer?

NASTÁCIA (*Sorri*)

O de sempre.

*(Rogojín faz um esforço para não escutá-la.)*

ROGOJÍN

E o que você supõe que devo fazer?

MÍCHKIN

Agora, nada. Já foi. Você já interrompeu.

NASTÁCIA

Agora podemos pensar isso entre nós três.

ROGOJÍN

Eu suponho que vamos casar.

MÍCHKIN

Eu não lhe propus casamento. Eu não posso casar com ninguém. Estou doente. Só creio que posso ajudá-la. Quando se aceita o sofrimento é mais fácil. Cristo demonstrou que o sofrimento pode nos ajudar. Aquele que persevera no sofrimento consegue que o mundo avance, o enriquece. Uma ques-

tão importante é quem o enriquece mais: os que atuam ou os que sofrem. Eu prefiro os que sofrem. Os que atuam podem conseguir uma infinidade de coisas no mundo, mas um menino doente, que tem que passar toda sua vida na cama e não pode fazer nada, sofre, e seu sofrimento enche o mundo com a substância de Cristo. Ao homem foram dados dois modos de se comportar: a ação e o sofrimento. E ambos os destinos enriquecem o mundo. Por isso.

*(Silêncio.)*

*Rogojín o rompe propondo um jogo que parece não ter aceitação.*

*Nem Nastácia, nem Michkin parecem estar entusiasmados com a proposta.*

*Fazem um complô contra Rogojín.*

*Rogojín percebe.*

*Zanga-se.*

*Deixa, então, que eles proponham.)*

NASTÁCIA

Melhor brincar de outra coisa. Não?

*(Pausa.)*

Por que não contamos o pior que fizemos na vida?

*(Rogojín responde de imediato.)*

ROGOJÍN

Porque não...

*(Michkin e Nastácia se dispõem a escutar.)*

Mais ou menos a um par de anos atrás... Haviam acabado de inaugurar a nova estrada de ferro ... Eu viajava de trem, na primeira classe. Estava sozinho no compartimento, me sentei

— | | —

e comecei a fumar. Ou melhor, continuei fumando porque havia acendido meu charuto antes de subir no trem. Não era proibido fumar, mas tampouco era permitido; como sempre, ah. A janela estava aberta. De repente, pouco antes da saída do trem entraram duas senhoras com um totó e se sentaram justo na minha frente. Estavam muito bem vestidas. Não eram feias. Tinham um ar de superioridade e falavam em inglês. Eu, é claro, continuei fumando. Ou melhor, duvidei um momento, mas depois continuei fumando porque a janela estava aberta e eu jogava a fumaça por ali. O totó estava deitado no colo de uma dessas mulheres: um cachorro pequeno, deste tamanho (*Fecha seu punho*), preto, com patinhas brancas: um cachorro estranho. Me dei conta de que as mulheres estavam zangadas. Uma delas me olhou fixamente e eu não liguei, continuei fumando porque elas não diziam nada. Se tivessem falado, avisado, perguntado... tinham língua, não? Mas não disseram nem mu... E de repente, como se tivesse ficado louca, uma das mulheres me arrancou o charuto da mão e o jogou pela janela. O trem ia a toda velocidade. Sem dizer nada, com a mais perfeita cortesia, me aproximei da mulher, estiquei dois dedos, agarrei o cachorrinho delicadamente pelos pelos do cangote e joguei pela janela.

*(Nastácia ri. Míchkin fala.)*

MÍCHKIN

Eu li essa história. Sim. Não saiu no jornal na semana passada?

NASTÁCIA

Está insinuando que ROGOJÍN mente? Como se atreve?

ROGOJÍN

Em um jornal?

MÍCHKIN

Sim.

NASTÁCIA

Ele disse isso.

*(Aponta para Michkin.)*

ROGOJÍN *(No limite do assassinato.)*

Impossível. A não ser que uma das mulheres do vagão tenha escrito a notícia...

MÍCHKIN

Eu li isso.

ROGOJÍN

Não acreditam?

MÍCHKIN

Não posso deixar de acreditar em você. Assim como não posso deixar de pensar que eu li essa história no jornal. Mas o que menos eu posso deixar de pensar é que hoje é o meu aniversário e que eu fico muito, muito feliz, de estar aqui com vocês dois.

*(Rogojín beija Michkin abruptamente.)*

*Nastácia explode: como se a epilepsia fosse um ataque de fúria incontrolável.)*

NASTÁCIA

Vou embora. Não tenho nada que seja meu. Posso sair daqui, jogar tudo fora. E então. Quem vai me aceitar se não tenho

nada? (*A Míchkin.*) Você claro, pelo seu bom coração. Você quer levar a fêmea de Rogojín? Eu não sou honrada... idiota! Isso é coisa dos romances, agora o mundo é outra coisa e além do mais, como você pode pensar em me levar se o que você necessita é de uma enfermeira que cuide de você?

Epilético!

*(A desolação de Nastácia é enorme.*

*Pausa longa.*

*Rogojín e Míchkin tentam contar algo para desarmar a dor de Nastácia.)*

#### ROGOJÍN

Cristóvão era um homem muito grandão que vivia perto de um rio no tempo de Jesus, quando Jesus era pequeno. Jesus costumava brincar junto desse rio e Cristóvão olhava ele brincar. Jesus já não brincava mais sozinho: brincava para que outro o olhasse brincar. Assim passou o verão e o outono, o inverno, a primavera e o outro verão, e uma tarde de outono Jesus pediu a Cristóvão para cruzar o rio. Cristóvão pensou que o menino merecia aquele capricho. Assim, botou ele nos ombros e foi se metendo lentamente no rio. Nos primeiros passos a água apenas cobre os seus pés. Cristóvão segue caminhando e a água vai lhe cobrindo os joelhos, as pernas, a barriga, o peito, o queixo, a boca, o nariz, os olhos, o cabelo e o cocuruto.

#### MÍCHKIN

Se alguém visse Jesus agora, o veria caminhando por cima das águas. Somente veria o milagre e não o oficiante do milagre. Jesus chega à outra margem, mas o corpo de Cristóvão permanece embaixo das águas. Um rabino se aproxima de Jesus e lhe dá as boas vindas. Diz que estava esperando por ele e o leva ao templo.



### ROGOJÍN

Cristóvão não tira a cabeça da água. Jesus, antes de entrar no templo, olha as águas do rio. Ninguém aparece. O rabino lhe pergunta seu nome e ele diz, pensando no homem enorme:

### MÍCHKIN

Jesus Cristo.

### ROGOJÍN

Jesus Cristo entra no templo e aprende o nome de Deus.

### MÍCHKIN

Alguns anos mais tarde ele se batiza nas águas desse rio em frente a seu amigo João e deixa que uma pomba desça sobre sua cabeça.

### ROGOJÍN

Multiplica os pães e os peixes, é recebido com louros, é beijado em um jardim, se entrega à dor do látigo.

### MÍCHKIN

E deixa que seu corpo seja cravejado em uma cruz que transforma o mundo em um para-raios do amor de Deus.

### ROGOJÍN

Mais tarde, vestido de jardineiro, deixa sua amada só, frente à beleza da morte e ascende aos céus para ser um e três com o pai.



*(Míchkin sofre um ataque de epilepsia.  
Nastácia e Rogojín observam.  
O ataque é violento e tem a duração necessária para se  
transformar em algo insuportável.  
Quando o corpo parece estar mais calmo, Nastácia e Rogojín  
levantam o corpo de Míchkin.  
Tentam acordá-lo.  
Míchkin dorme.  
O desnudam e o molham com água fria.  
Míchkin reage.)*

MÍCHKIN

Quero ficar só.

*(Pausa.  
Não respondem ao seu pedido.  
Nastácia se aferra ao corpo do idiota.  
Míchkin explica, entrecortadamente, o que acaba de aconte-  
cer.)*

Não é fácil explicar... São cinco ou seis segundos nos quais se percebe... harmonia... calma... limpeza... lucidez... É como se de repente se registrasse tudo: a natureza, a superfície, a distância, o ar, o mundo, tudo, e se diz "Sim, é verdade"... Como quando Deus criou o mundo e, ao terminar cada dia da criação, disse "Sim, é verdade"... É impressionante, porque é tudo tão claro... tão prazeroso. Mas se esse momento durar mais de seis segundos... a alma não resiste... Por isso vem o ataque... A epilepsia é a resposta à criação... É como um eclipse... Um grito... Não é possível suportar tanta beleza.

*(Pausa.)*

Agora quero ficar só.

*(Nastácia e Rogojín deixam Míchkin só.  
Abandonado à sua nudez e à sua confissão.  
Dissolução.)*

## **Cena 9**

### **A DOR DOS TRÊS**

*(Rogojín, Míchkin e Nastácia.  
Enfrentam o público.  
Silêncio.  
Longo.  
Logo música.  
LAMENTO DELLA NINFA / MONTEVERDI  
Subtítulos.)*

“Amor, onde está a fidelidade  
que jurou o traidor?  
Amor”, dizia,  
olhando o céu e imóvel.

“Faça voltar o meu amor  
tal como era antes.  
Ou bem me mate  
para que já não me atormente mais.

Não quero que os suspiros  
me escapem mais,  
não, não, não quero que os tormentos  
delatem meu amor.

Porque eu não me queimo por ele  
e ele louco de orgulho  
por mais que dele eu me afaste  
seguirá me perseguindo.

Se seu olhar é mais sereno  
do que o meu  
é porque não encerra no seu seio,  
Amor, uma fé tão bela!

Nunca beijos tão doces  
dessa boca terei  
nem os mais ternos – “Ah, cala,  
cala, que sabe demasiado.

*(Desgraçada, ah mas não, não  
não posso suportar tanta frieza.)*

*(A dor se acumula nos olhos.  
Parece explodir.  
E cada um à sua maneira tenta se desfazer dela.  
Conseguem, um pouco.  
Mas carregarão o peso dessa dor até o fim da representa-  
ção.  
Falam, dizem o que segue.)*

#### ROGOJÍN

Hoje pela manhã veio me ver o idiota e eu sabia que ele iria insistir nisso de que “é mais fácil morrer com pessoas e árvores ao nosso redor”. Mas hoje não disse “morrer”, disse que é

“mais fácil viver com pessoas e árvores ao nosso redor”, e diante do estado em que estou... vem a dar quase no mesmo. Mas lhe perguntei o que queria dizer com isso das árvores e por que me perturbava tanto com suas árvores; e para minha surpresa, me inteirei que, segundo ele, eu lhe havia dito que vim aqui para ver as árvores pela última vez.

*(Pausa.)*

O idiota me uniu a mim uma vez mais.

*(Pausa.)*

É a porta e a paisagem

*(Pausa.)*

O idiota é a faca.

*(Decide sua arma.)*

NASTÁCIA

Quando nasci a menina tinha morrido. E eu nasci porque ela morreu. A menina era filha dos meus pais. A primeira. Morreu agarradinha aos ferros dos médicos. Fórceps. A cabecinha esmagada e o corpinho miudinho, miudinho. A enterraram no jardim: perto das rosas. O corpinho da menina fez crescer o roseiral. Tinha a forma do fórceps o roseiral.

*(Pausa.)*

O homem que amei se foi, abrindo sua cabeça com um tiro: manchou os livros com seu sangue. Me despedi para sempre do amor quando aquele tiro estalou na cavidade de sua boca. A boca que eu beijei. O homem que amei se chamava Levon.

*(Pausa.)*

Quando soube do amor, o destino me deu a fúria e o sangue de Levon. Fui mansa. Até aquele beijo que rebentou na minha boca.

*(Pausa.)*

Morte e mais morte.

*(Pausa.)*

Morte e mais morte.

*(Pausa.)*

Não entendo.

*(Pausa.)*

Morte e mais morte.

*(Pausa.)*

A de outros.

Não a minha.

*(Pausa.)*

Minha história é uma faca.

*(Silêncio longo.)*

## **Cena 10**

### **A FACA**

*(A faca de Rogojín se afunda no peito esquerdo de Nastácia.  
Uma só vez.)*

*Ela cai, morta.  
Aparece Michkin.  
Rogojín percebe.)*

ROGOJÍN

Entra.

MÍCHKIN

Onde está?

ROGOJÍN

Aqui.

MÍCHKIN

Onde?

ROGOJÍN

Aqui. Adormecida.

*(Pausa.)*

Venha.

*(Se afundam.)*

MÍCHKIN

Está escuro. Por que não acende alguma luz?

ROGOJÍN

Não, não faz falta.

MÍCHKIN

Não se vê nada.

ROGOJÍN

Se aproxime mais.

*(Sobem  
Pausa.)*

Você está tremendo. Espero que não dê um ataque.

MÍCHKIN

Foi você?

ROGOJÍN

Sim. Fui eu.

*(Silêncio longo.  
O mais longo da noite.)*

Porque se agora você tiver um ataque e começar a gritar, alguém da rua poderá escutar.

MÍCHKIN

Que vai fazer?

ROGOJÍN

Passar a noite. Juntos. Eu não vou renunciar a ela por nada deste mundo. Sente o cheiro? Vamos ter que cobri-la com lona e pôr desinfetante. Nos quatro cantos da cama. Assim vamos poder estar juntos. E ninguém vai nos incomodar. Agora não.



*(Pausa.)*

O que você tem?

MÍCHKIN

As pernas... não consigo mover as pernas. Deve ser o medo.  
Quando o medo se for, com certeza vou poder me mover.

ROGOJÍN

Vou fazer a cama para nós dois... e vamos escutar... porque  
não sei... ainda não sei.

MÍCHKIN

Você a matou com o quê? Com a faca?

ROGOJÍN

Sim. Com a faca... mas não entrou... entrou muito pouco...  
debaixo do peito esquerdo... saiu somente meia colher de  
sangue... nem uma gota a mais.

MÍCHKIN

Claro. Deve ter sido uma hemorragia interna... às vezes não  
sai uma gota sequer... se a faca vai direto para o coração.

ROGOJÍN

Shhh... Ouviu? Ouviu?

MÍCHKIN

Não.



ROGOJÍN

Passos. Ouvia?

*(Escutam.)*

MÍCHKIN

Sim.

ROGOJÍN

Você fechou a porta?

MÍCHKIN

Sim.

*(Pausa.)*

*Olha longamente o corpo afundado de Nastácia.)*

Se seguisse reto por muito tempo chegaria à linha do horizonte onde se juntam o céu e a terra e ali descobriria uma vida nova, mil vezes mais forte e melhor que a nossa.

*(Pausa.)*

ROGOJÍN

Acredita em Deus?

*(Pausa.)*

MÍCHKIN

Olhando para ela pode-se perder a fé.

ROGOJÍN

Acredita...

MÍCHKIN

Hoje não. Amanhã certamente sim.

*(Silêncio.  
Míchkin abraça Rogojín.  
Se despedem.  
Assim.)*

## Épílogo

*(Rogojín acende uma vela.  
Lentamente começa a caminhar.  
Protege a chama com a sua mão.  
Está cansado.  
E os gestos da salvação parecem aumentar o cansaço.  
A vela se apaga.  
Rogojín retrocede, volta a uma das margens...  
Acende novamente a vela.  
Reinicia sua caminhada.  
Protege com a sua mão a luz.*

*Míchkin descobre um de seus ratos.  
Brinca com ele.*

*Do interior da piscina crescem árvores enormes.  
Verdes.  
Tão verdes.  
Escuta-se o caminho do rio.  
Escuta-se o rio correr.*

*Rogojín chega à outra margem.  
A vela está acesa.  
Apóia a vela na outra margem.  
Deixa-se cair.  
É tragado pelas águas do rio.*

*A luz da vela ilumina a outra margem.  
Silêncio.  
Intenso.)*

*Buenos Aires, Bairro de Belgrano,  
Março de 2004 / Julho de 2005.*

## O Autor

Nasceu em Buenos Aires, Argentina, em 1966. É cantor, ator, diretor, dramaturgo e tradutor. Algumas de suas peças são: Juegos de Damas Cruels (1995), Ensayo sobre la peste (1997), La escala humana (2000), Los Mansos (2005), Los Sensuales (2008) e América (2009). Foi o primeiro bol-sista argentino, na área teatral, da Akademie Schloss Solitude, Stuttgart, Alemanha (1999). Recebeu numerosas distinções, entre as quais o Premio Teatro del Mundo (1999 y 2000), o Premio Trinidad y Guevara (2000) e o Premio da Asociación de Cronistas del Espectáculo (2001). Foi integrante da importante companhia teatral argentina El Periférico de Objetos (1995 – 2001). Suas peças tem sido traduzidas para o inglês, francês, italiano e alemão; e têm sido montadas no Uruguay, França, Espanha, Bélgica, Áustria e Alemanha. Tem participado com os seus espetáculos em mais de 60 festivais internacionais, entre eles: KunstenFESTIVALdesArts, Bélgica (2003), RioCenaContemporânea, Brasil (2007) e Festival Theaterformen, Alemanha (2008).



## Colofão

Formato	13 x 20 cm
Tipologia	AGaramond
Papel	75 g/m <sup>2</sup> (miolo) Cartão Supremo 250 g/m <sup>2</sup> (capa)
Impressão	Setor de Reprografia da EDUFBA
Capa e Acabamento	Gráfica Cian
Tiragem	300 exemplares



